



Dos Rankings

Anualmente somos confrontados com a publicação dos rankings das escolas onde invariavelmente surgem as escolas privadas no topo. Creio que é um facto que não surpreende ninguém, o que, só por si, nos leva às principais razões para que assim seja.

Numa análise simplista somos levados a considerar que este ranking nos indica as melhores escolas. No entanto, quem conhece o dia-a-dia das escolas sabe que é preciso olhar com mais atenção e com sentido crítico para esta classificação. Porque é disso que se trata, de uma classificação e não de uma avaliação das escolas.

Diz-se que os rankings valem o que valem, e é verdade, mas ninguém fica verdadeiramente indiferente aos mesmos. Estes rankings são a ordenação das escolas pelas médias dos resultados dos alunos nos exames, sem considerar outros fatores, muitas vezes exógenos às escolas, que impactam nas aprendizagens e na qualidade do trabalho das escolas. É por isso que o lugar de cada escola não é o mais relevante nestes rankings nem traduz tão pouco a sua qualidade pedagógica, mas apesar disso ou até por isso, os rankings permitem retirar conclusões a que devemos dar atenção.

Sintetizando em 3 dimensões:

1. Contexto familiar e social dos alunos

O nível socioeconómico e académico das famílias dos alunos é um fator significativo para esta classificação. Se se fizer a análise do nível de recursos das famílias cujas escolas estão no top do ranking, certamente se verificará que a maioria está num nível alto ou médio alto. Por outro lado, também o nível académico dos Pais é por norma mais elevado, além de que os alunos têm acesso mais fácil a apoios de estudo.

2. Autonomia das escolas

Outro fator com impacte no ranking das escolas é o nível de autonomia que as direções assumem e conseguem implementar. Sabe-se que a autonomia das escolas é mais assumida e exequível nas escolas privadas.

Estes rankings, apesar dos condicionalismos mencionados no ponto anterior, também mostram as diferenças de organização e de gestão entre os sistemas público e privado, p.e.:

Gestão de todos os recursos;

Organização das atividades; e

Relações pessoais e comunicacionais.



3. Estratégia centrada nos resultados

Devido ao nosso sistema de acesso ao ensino superior, as escolas planeiam e implementam um plano de trabalho com vista a possibilitar o melhor treino para os exames. É uma estratégia legítima e tão mais eficaz quanto mais for assumida a autonomia de que falei no ponto anterior. Mas não significa que a qualidade pedagógica de ensino e de desenvolvimento dos jovens seja melhor, não significa nem será um contributo para essa qualidade. Como o dizem os próprios jovens que têm consciência de que o resultado dos exames, quando assim é, não significa conhecimento aprendido e consolidado. Contudo as escolas e as famílias adaptam-se às “regras do jogo” e utilizam os instrumentos ao seu alcance para ganhar vantagem. É legítimo e compreensível, mas é desejável que sejamos capazes de fazer diferente e evoluir para que as escolas progridam e para que os nossos jovens possam realizar os seus objetivos, isso seria ter sucesso.

A propósito, há estudos nas universidades que mostram que os melhores alunos no ensino superior não são os que têm melhores resultados nos exames do secundário. Algo que nos deve fazer pensar e atuar sobre o paradigma do acesso ao ensino superior, que atualmente condiciona muito as estratégias das escolas e das famílias, o trabalho que se desenvolve, e não corresponde a uma seriação eficaz dos jovens para as IES, com prejuízo dos próprios e de toda a sociedade.

Jorge Ascensão
Presidente do CE da CONFAP